

Tabaco nos animais de companhia

- **De que forma o fumo afeta cães e gatos?**

Quando um animal vive num lar onde se fuma, a sua exposição ao tabaco é contínua e multifatorial. As partículas tóxicas presentes no fumo atingem o organismo animal por inalação direta, por contacto com resíduos acumulados em superfícies e materiais têxteis, o chamado fumo terciário e, no caso dos gatos, por ingestão durante a autolimpeza. Importa sublinhar que o risco não desaparece quando o fumo se dissipa: estudos demonstram que compostos derivados do tabaco permanecem detetáveis no pelo dos animais mesmo em situações em que o cuidador fuma exclusivamente no exterior. Nos cães, o sistema mais diretamente afetado é o respiratório, mas a exposição prolongada está também associada a um maior risco de desenvolvimento de doenças oncológicas. Nos gatos, a autolimpeza frequente representa uma via de exposição adicional, com implicações particulares no desenvolvimento de tumores orais.

- **Quais os sinais de alerta mais comuns?**

A exposição crónica ao fumo pode manifestar-se de forma gradual, o que frequentemente atrasa a sua identificação. Os sinais clínicos mais descritos são tosse persistente, espirros frequentes, alterações no padrão respiratório, secreções nasais ou oculares, lesões na boca, perda de apetite ou peso, fadiga e alterações dermatológicas. Em animais com patologia respiratória prévia, como asma felina ou bronquite crónica, a exposição ao fumo pode agravar significativamente o quadro clínico. Por isso, estes sinais devem sempre ser valorizados em contexto de exposição ambiental ao tabaco.

- **Porque os gatos são considerados um grupo de maior risco?**

A maior vulnerabilidade dos gatos face a outros animais de companhia decorre de dois fatores que se potenciam mutuamente. O comportamento de autolimpeza leva à ingestão regular de compostos cancerígenos depositados no pelo, com exposição direta das mucosas orais. A par disso, os gatos tendem a descansar em superfícies próximas do chão onde as partículas mais densas do fumo se concentram. Esta dupla via de exposição, inalatória e digestiva, está na base da

associação documentada entre tabagismo passivo e linfoma felino, assim como com o carcinoma de células escamosas, nomeadamente a nível oral e sublingual.

- **O que dizem os estudos científicos mais recentes relativamente a este tema?**

A investigação da última década consolidou a ligação entre tabagismo passivo e doença oncológica em animais de companhia. Um estudo publicado em fevereiro de 2024 no *The Veterinary Journal* demonstrou uma associação significativa entre a exposição ao fumo e o cancro da bexiga em Scottish Terriers, com a cotinina urinária a confirmar objetivamente os níveis de exposição. Investigadores da Universidade de Glasgow documentaram efeitos biológicos mensuráveis, incluindo danos celulares e alterações metabólicas em animais de cuidadores fumadores, e mostraram que fumar no exterior não é suficiente para proteger os animais. Um estudo de 2023 publicado na *Veterinary Sciences* introduziu ainda a questão da exposição perinatal, ao detetar cotinina em cães recém-nascidos de cadelas expostas ao fumo durante a gestação.

- **Que medidas os cuidadores podem adotar para proteger os seus animais?**

A proteção começa pela consciencialização de que o risco é real e contínuo, mesmo em cenários de exposição aparentemente reduzida. As recomendações práticas passam por não fumar em casa nem em espaços fechados partilhados com o animal; lavar as mãos e mudar de roupa após fumar antes de contactar com o animal; higienizar com frequência as superfícies, camas, brinquedos e acessórios; e manter os espaços ventilados. Em consultas de rotina, é importante informar o médico-veterinário sobre hábitos tabágicos no agregado familiar, sobretudo em animais com sinais respiratórios, dermatológicos ou oncológicos de causa não esclarecida, uma vez que a exposição ambiental ao tabaco pode ajudar a orientar a abordagem clínica e o diagnóstico precoce.